

Releitura do cenário literário do Amazonas na Áurea da borracha, com os alunos do ensino médio da Escola Estadual Benta Solart no Município De Marañ-AM / Brasil 2020/2021

Review of the literary scenario of the Amazonas in Áurea da borracha, with high school students of the Benta Solart State School in the municipality of Marañ-AM / Brazil 2020/2021

Gefferson Almeida de Oliveira

Graduado em Letras Língua Portuguesa e Literatura

ORCID: 0000-0002-6745-3261

Jacimara Oliveira da Silva Pessoa

Professora da Educação básica no município de Coari-AM

Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas- UFAM

Doutorado e Mestrado em Ciências da Educação pela Universidade de San Lorenzo – UNISAL

ORCID: 0000-0001-9353-2185

<http://lattes.cnpq.br/1004775463373932>

DOI: 10.47573/aya.5379.2.76.15

RESUMO

Neste estudo, desenvolvo uma abordagem histórica e literária do ciclo na borracha na Amazônia. Realizo uma discussão sobre os diálogos possíveis entre a História e a Literatura, enfocando a proximidade entre esses dois campos, sem negar a existência de questões nas quais se afastam. Entre os autores que trouxeram à baila essa discussão, tomo por base os seguintes: Pesavento, (2003), Chartier, (2009), Burke, (2005), Lima, (2009), Guedelha, (2013), entre outros. O capítulo subdivide-se em três tópicos, como segue: “História e Literatura: diálogos possíveis”, Releitura do cenário literário do Amazonas na Aurea da Borracha, com os alunos do ensino médio da Escola Estadual Benta Solart no município de Maraã, Brasil 2020/2021. Pergunta central: ¿Quais são as Concepções da Literatura Na Amazonas No Período Da Borracha 1850, contexto histórico e literário? Perguntas específicas: Como ocorre a Literatura na amazona no período da borracha? Quais os fatores econômico e cultural que envolveram a Literatura no Amazonas no período da borracha? De que forma foram constituídos a Literatura nas amazonas no período da borracha?.

Palavras-chave: literatura amazonense. contexto histórico. cenário cultural.

ABSTRACT

In this study, I develop a historical and literary approach to the rubber cycle in the Amazon. I carry out a discussion about the possible dialogues between History and Literature, focusing on the proximity between these two fields, without denying the existence of issues in which they are distant. Among the authors who brought up this discussion, I take as a basis the following: Pesavento, (2003), Chartier, (2009), Burke, (2005), Lima, (2009), Guedelha, (2013), among others. The chapter is subdivided into three topics, as follows: “History and Literature: possible dialogues”, Rereading of the literary scenario of Amazonas in Aurea da Borracha, with high school students from the Benta Solart State School in the municipality of Maraã, Brazil 2020 /2021. Central question: What are the Conceptions of Literature in Amazonas in the Rubber Period 1850, historical and literary context? Specific questions: How does Literature in the Amazon occur in the rubber period? What are the economic and cultural factors that involved Literature in the Amazon during the rubber period? How was Literature constituted in the Amazons in the rubber period?

Keywords: amazonian literature. historical context. cultural scenario.

INTRODUÇÃO

Como já referido, a **literatura na Amazonia no período da borracha**, foi frequentemente visitada e estudada no final do século XIX e início do século XX pelos veios históricos e literários. Na Literatura, a preocupação em retratar a saga do nordestino à Amazônia se fez sentir logo nas primeiras obras a abordar o ciclo da borracha, como no *Paroara*, (1899), de Rodolfo Teófilo. Mário Ipiranga Monteiro citado por Lima, (2009, p. 67), em uma crítica feita aos volumosos escritos desse período, observou que “(...) lamentavelmente todo contista que se inicia ou mesmo romancista já experimentado se deixa seduzir pelo denominador comum da economia da borracha (...)”. Monteiro criticou essas produções, declarando que elas contribuíram para se formar uma literatura infernista ao escandalizarem a paisagem e explorarem a tragédia em torno

da figura opressora do coronel da borracha e da submissão do seringueiro.

É comum, na literatura, a imagem do seringalista como um patrão truculento, um estereótipo criado com base nas relações estabelecidas nos seringais, onde “o patrão seringalista submetia o freguês seringueiro a um regulamento que estabelecia mais vantagens ao patrão do que ao freguês” (LIMA, 2009, p. 71). Ao tomar conhecimento sobre algumas obras da época, percebe-se que o narrador se põe claramente em oposição à personagem do coronel seringalista, sendo ele pintado com “cores fortes” que lhe acentuam o caráter perverso.

No começo do século XX, a extração da borracha fez surgir cidades e ampliou outras, como mencionado anteriormente. Manaus cresceu vertiginosamente, tendo como expressão desse período a construção do Teatro Amazonas, patrimônio Nacional e conhecido a nível mundial. Porém, por trás de suntuosas construção, existe uma história de exploração muito grande.

Enquanto os seringalistas, na ficção, têm traços tipificados à vileza, os seringueiros não possuem traços tão marcados, apresentam caracterização mais coletiva do que individual, transparecendo a ideia de sujeição, característica comum aos migrantes nordestinos. Os seringueiros são representados também como tristes, cabisbaixos e apáticos.

Apesar da sujeição ao sistema, raramente na ficção se observam manifestações de revoltas de seringueiros contra o seringalista. Essa revolta é descrita no texto de Euclides da Cunha, (2013), “Judas-Ashvero”, em que os seringueiros constroem no sábado de aleluia um Judas a sua própria imagem para depois destruí-lo, num processo cheio de simbolismos. Após fazer o “monstrengo”, o seringueiro o põe na jangada a vaguar pelo rio a fora, e nesse processo de descer ao rio, a vingança do seringueiro se completa, o silencioso viajante recebe altos tiros, pedradas e malsinações, “dois ou três minutos de alaridos e tumulto, até que o judeu errante se forre ao alcance máximo da trajetória dos rifles, descendo.” (CUNHA, 2013, p. 125).

PERCEPÇÃO DO PROBLEMA

Em diferentes períodos econômicos da história do Brasil, ondas de migração levaram contingentes de trabalhadores de uma região para a outra, sempre em busca de melhores condições de vida. Durante o ciclo da borracha isso aconteceu mais de uma vez, em especial com nordestinos, que fugiam da seca do semiárido brasileiro. Houve fluxos migratórios de diferentes regiões do nordeste desde a virada do século XIX para o XX e também no período da Segunda Guerra Mundial.

Caio Prado Jr.¹ disse, certa vez, que a literatura amazônica o enjoava. Coube a Djalma Batista, (2007), em *O complexo da Amazônia* (1976), repetir esse julgamento. Essa náusea, esse enjoo, essa malquerença, pelo menos aparente, possuem sua razão de ser. A repetição temática da literatura amazônica pode ser assustadora e repreensível, especialmente quando se considera o aproveitamento do ciclo da borracha como motivo literário. Ao mesmo tempo em que a borracha produzia mudanças na estrutura econômica e social da Amazônia, criavam-se novas condições materiais para a produção e circulação da literatura, impulsionadas pela atmosfera belle époque de Belém e Manaus, as duas principais capitais do Norte (DAOU, 2000). Por sua vez, as obras literárias sofrem de certo mal de amazonologia e de pouca criatividade estética, demorando, por exemplo, a adotar padrões literários condizentes com o momento histórico enfren-

tado. Há um possível desajuste ou descompasso entre a forma e o conteúdo da representação literária, como nos contos ainda incipientes de Marques de Carvalho.

De acordo com Márcio Souza, em *A expressão amazonense* (1977), o ciclo da borracha possibilita à região amazônica “um arremedo de vida literária”. Há uma série de escritores arrivistas, isto é, naturais de outros estados brasileiros, que contribuem para esse “arremedo” literário. Márcio Souza elenca como arrivistas desse “arremedo”, entre outros, Thaumaturgo Vaz, Maranhão Sobrinho, Jonas da Silva, Sant’Anna Nery, Araújo Filho, Adriano Jorge. Souza sinaliza um desarranjo entre a estética literária daquele tempo e a realidade do ciclo da borracha: “[...] A literatura era mais um esgotamento metafísico das boas maneiras que uma forma de restaurar criticamente a sociedade.” (SOUZA, 1977, p. 108). Souza aponta, como uma rara exceção dessa toada literária, o poeta amazonense Paulino de Brito (1858-1919), porém não se verifica, em seus Cantos amazônicos (1899), qualquer interesse, mesmo que subjacente, em pensar o ciclo da borracha.

Nesse opúsculo, traça um quadro histórico da literatura amazônica, mais na linha do inventário literário do que da crítica literária. De certa forma, os descaminhos da estética literária refletiam na imperícia ou na incipiente crítica literária amazônica nas primeiras décadas do século 20. Mas, nas letras amazônicas, não se separa o que era estritamente literário do que se colocava sob a ordem científica. Araújo Lima, autor de *Amazônia: a terra e o homem* (1933), aparece emparelhado em relevância com Euclides da Cunha. Até aquele período, ou seja, fins da década de 1930, a literatura amazônica ainda fincava seus primeiros passos na modernização das formas ficcionais, adequando o que, para o pensamento estético de Djalma Batista (PINTO, 2007, p. 181), seria a conjugação de sociologia e história.

Por outra mão, a literatura amazônica deve muito ao desenvolvimento dos estudos históricos sobre a região. Anísio Jobim preocupa-se com a formação do pensamento amazônico no opúsculo *A intelectualidade do extremo norte* (1934) e crava sua produção intelectual com *Amazonas e sua história* (1957). O historiador amazonense Arthur Cezar Ferreira Reis, de *História do Amazonas* (1931), desgarrar-se do positivismo predominante, permitindo-se elaborar sùmulas históricas com tensões históricas ainda não desenvolvidas.

Não há qualquer menção ao momento histórico em que Euclides se insere no universo do “inferno verde”. Não se fala do ciclo da borracha e de sua relação com o desenvolvimento da literatura da região. Não há sequer uma linha sobre a relação entre esse ciclo ficcional e a entrada definitiva da literatura amazônica nas letras brasileiras. Isso espanta de algum modo um leitor ou crítico menos incauto. Para Márcio Souza, (1977, p. 110), a literatura do ciclo da borracha somente atinge sua plenitude com o “realismo do documentário”, representado especialmente por Ferreira de Castro. Segundo Souza, esse realismo permitia manter a “proximidade das coisas”, isto é, uma presença da realidade dura e atroz dos tempos da borracha.

Para peregrino, a literatura não se compõe de repetições estéticas ou aproveitamentos de estilo. É simplesmente pecaminoso “repetir” criativamente. A crítica literária de Peregrino apresenta umas certezas advindas de leituras simplificadas. Não é demais dizer que o pensamento histórico e crítico sobre a literatura amazônica pode vir embotado sempre da dialética do infernismo-edenismo, o que não é um erro, como comprova a profunda análise de Neide Gondim em *A invenção da Amazônia* (1994). Contudo, a suposta isenção ideológico-estética de escritores amazônicos, alardeada por Peregrino Jr., pode, sim, vir mascarada de uma falsa noção do

que se praticou em literatura amazônica ao longo do século, em especial quando se tem como pano de fundo histórico o ciclo da borracha.

Embora nem sempre seja lembrado por suas contribuições à crítica da literatura do Norte, Benedito Nunes representa o principal nome no que se refere ao amadurecimento da crítica literária na região amazônica. Seus estudos sobre João Cabral de Melo Neto, filosofia e literatura, Clarice Lispector, Oswald de Andrade, Mario Faustino, Guimarães Rosa, entre outros, constituem um novo passo para a literatura que se produz na Amazônia.

O fantasma da borracha”, faz um balanço histórico da literatura amazônica, ficcional e não-ficcional. E aí chama atenção para os trabalhos de Arthur Cesar Ferreira Reis e Cosme Ferreira Filho, na linha histórica e sociológica; e de Ferreira de Castro e Euclides da Cunha, na linha literária. Segundo Djalma, são trabalhos definitivos e menos enjoativos (para aproveitar expressão de Caio Prado Jr.).

Daí, utiliza o absentismo e a vivência como pedra de toque para avaliações sobre a qualidade de obras literárias amazônicas. Por exemplo, considera Rodolfo Teófilo (absentista total) ou Carlos de Vasconcelos (absentista parcial) como representantes de uma literatura prejudicada pela ausência de conhecimento vivencial sobre a Amazônia.

[...] estou encarando a realidade de frente e sou mesmo um dos avatares desta literatura amazônica e desta cultura planiciária, de resto tão desconhecida e distante do resto do Brasil quanto, por exemplo, a literatura da Bulgária. Por isso mesmo, e em momentos de aguda depressão, tenho a suspeita de que faço parte de um estoque cultural em vias de extinção, que nem mesmo chegou a tocar fundo na consciência nacional, sequer mesmo na má consciência nacional, como aconteceu com as literaturas nordestina e gaúcha, para citar dois exemplos típicos de produção cultural regional. [...] (SOUZA, 1983, p. 45).

Esse ressentimento de Márcio Souza surge aqui ou ali em suas remissões à literatura amazônica. Essa visão não se coaduna com a crítica de Francisco Foot Hardman em *A vingança da Hileia* (2009), obra em que compila alguns de seus principais escritos sobre literatura amazônica e o Euclides da Cunha de *À margem da história* (1909). Para além disso, Lucilene faz um inventário das obras que dão liga para a permanente abordagem do tema do ciclo da borracha na literatura amazonense. Dentro dos critérios estabelecidos, nesse processo de inventário, inexplicavelmente duas grandes ausências da literatura amazonense são notadas: Márcio Souza e Milton Hatoum. Esta tese pretende alargar esses limites, transitando entre outras literaturas amazônicas, geralmente concentrando-se entre os dois polos de maior produção, Manaus e Belém.

REFERENCIAL TEÓRICO

Os comprometes educacional que amparam a releitura do cenário literário do amazonas na aurea da bocharra

A **Literatura no Brasil** nasceu a partir dos primeiros escritos de viajantes e missionários europeus que documentavam informações sobre a terra recém-colonizada. Embora esses primeiros escritos não possam ser considerados como Literatura de fato, por estarem demasiadamente presos à crônica histórica, são compreendidos como o ponto de partida para a formação de nossa identidade literária e cultural.

A Literatura no Brasil está intrinsecamente ligada à Literatura portuguesa. Durante muito

tempo, toda produção literária esteve subjugada ao pensamento português. A partir do Romantismo, nossa Literatura emancipou-se, alcançou sua autonomia e criou manifestações literárias próprias. Sendo assim, para facilitar o estudo de nossa literatura, didaticamente ela foi dividida naquilo que conhecemos como **Escolas Literárias**.

Cada uma das escolas literárias apresenta características temáticas peculiares, cujos textos de autores aproximam-se em estilo e ideologia

Pela sua importância na vida cultural brasileira, o modernismo dos anos de 1920 vem sendo estudado sob diferentes ângulos e em diferentes aspectos há décadas. Ao lado da produção artística a ele identificada, tem se privilegiado também os textos programáticos, especialmente os manifestos (cf. Schwartz, 1995) e as críticas literárias praticadas por seus artífices e concorrentes (cf. Lafetá, 2000). Esses gêneros são, em grande medida, responsáveis pela inteligibilidade sociológica do modernismo como movimento cultural de vanguarda. Neste estudo, retomo a Pequena história da literatura brasileira do poeta, ensaísta e diplomata carioca Ronald de Carvalho (1893-1935); livro de feição aparentemente pouco modernista, mas que, justamente por isso, pode mostrar-se instigante para pensar o modernismo em suas complexas relações com a tradição intelectual brasileira. Investigando a identidade cognitiva desse livro em relação ao modernismo, pretendo dar continuidade à discussão sociológica sobre movimentos culturais e interpretações do Brasil (cf. Botelho, 2005; 2009).

Publicado em 1919 por F. Briguiet e premiado no mesmo ano pela Academia Brasileira de Letras, pequena história da literatura brasileira tem sido pouco consultada pelos analistas do modernismo (cf. Botelho, 2005; Abreu, 2007). Ao lado da forte identificação da crítica à perspectiva vencedora na construção social da identidade do modernismo brasileiro - definida a partir dos valores do movimento paulista (com o qual Ronald de Carvalho e outros modernistas estabelecidos na então capital federal concorriam nos anos de 1920 e 1930) (CF. Gomes, 1999; Botelho, 2005) -, outras dificuldades específicas ajudam a explicar esse fato.

Aspecto histórico da borracha nas Amazonas

O início da atividade literária no Estado do Amazonas começa com os relatos de Frei Gaspar de Carvajal escrivão da expedição do capitão Francisco Orellana, sua principal intenção era descobrir um novo mercado de especiarias e expandir através das missões religiosas o Cristianismo. O certo é que com a chegada do colonizador os nativos “sofreram muitos danos” e as línguas indígenas foram proibidas para qualquer tipo de comunicação. Sendo assim, como a carta de Caminha, o relato de Carvajal é de caráter informativo, ou seja, uma literatura voltada para documentar e registrar os fatos acontecidos em tais viagens. A partir dos sonetos de Francisco Vitro José da Silveira que prestou grande homenagem aulística a Requeña e esposa (1783) e da Muhuraida de Henrique João Wilkens (1785) que parecia falar dos índios, mas enaltecia o conquistador pelo instrumento eficaz da fé e da própria religião, pois o índio era na visão dele (conquistador) um ser sem alma, vazio e oco, não era gente. É por meio dessas duas obras que a literatura no Amazonas passa a se consolidar como produção verdadeiramente literária, mesmo o seu teor sendo de baixa qualidade é o que ficou como marco na história da produção artístico-literária no Amazonas.

O primeiro poeta amazonense foi Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha (1769), um poeta marcado pelas agruras da vida, mas que conseguiu romper as barreiras adversas impostas pelo

destino e produziu sua obra debruçando-se nos clássicos e fazendo alusão aos festejos, muito embora não fugisse do aulicismo. Seu filho João Batista Tenreiro Aranha em 1850 foi nomeado Presidente da Província do Amazonas e nesse mesmo ano publicou os restos ainda existentes da obra de seu pai, muito de sua produção foi perdida na época da Cabanagem. No período áureo da borracha merece destaque a figura de Tenreiro Aranha, apesar do vazio cultural que existia na época, devido à estagnação econômica e também pelo fato de não haver jornal impresso, sua obra póstuma é de grande relevância por si tratar, vamos dizer assim, do marco inicial desse período. Após a obra de Tenreiro Aranha surgiram poetas como Torquato Tapajós, Paulino de Brito, Maranhão Sobrinho, e outros mais.

A Literatura no Amazonas no período da borracha

Em muitos aspectos, em se tratando de detalhamento, linguagem desapegada de tabus e comprovado conhecimento da realidade descrita, Paulo Jacob destaca-se enormemente com “Andirá”, na literatura brasileira. Nesta magnífica obra da literatura amazonense esse grande escritor se mostra, não apenas profundo conhecedor do que retrata, mas também exímio conhecedor do vocabulário regional, o que põe “Ándirá” entre as grandes obras da literatura regional e brasileira. Por esses e outros comentários pode-se afirmar que Paulo Jacob é, se não o maior, mas um dos maiores escritores da literatura amazonense. E isso é o suficiente para que estudos como esse, acerca desse grande escritor, sejam cada vez mais realizados.

E, devido ao seu riquíssimo vocabulário regional, percebe-se também que sua obra não proporciona uma leitura das mais fáceis. Porém, para os amantes da boa literatura, nunca será demais conhecer o mais aprofundadamente possível tão brilhante escritor e, a recompensa para tal disposição é um conhecimento único acerca da Amazônia e todas as suas riquezas culturais, históricas e mitológicas.

Esse escritor amazonense, além de sua rica trajetória na literatura, também construiu uma brilhante carreira na vida jurídica. Como poucos, conseguiu conciliar e desenvolver grandes trabalhos em suas duas áreas de atuação, a literária e a jurídica. Após aprovação no Concurso para Juiz, no município de Canutama, segundo Mendonça (2012), Paulo Jacob continua sua carreira de jurista associando, ainda, a esta, a carreira de professor de magistério superior em curso de direito. Paulo Jacob é, se não o maior, um dos maiores escritores da literatura amazonense. Bastante premiado com suas obras e muito elogiado pela crítica, esse romancista integra a literatura com obras de altíssimo valor artístico e literário. Sobre ele, comenta Rogel Samuel:

Paulo Jacob escreveu muito. Muito. Cerca de 10 romances bem trabalhados. Quase ganhou o maior prêmio nacional de literatura da sua época, o Walmap, em 1969, com «Dos ditos passados nos acercador do Cassianã», 2º lugar. Excelente livro, imenso, denso, 359 páginas de um tipo pequeno, corpo 10 (Rio de Janeiro, Bloch, 1969). O Walmap tinha juízes como Jorge Amado, Guimarães Rosa e Antônio Olinto. Os três deram o 4º lugar para

«Chuva branca», em 1967, um dos seus mais belos livros. Outro livro, «Vila rica das queimadas», título bem atual, ecológico, também ficou entre os finalistas do Walmap. O título denuncia, como o livro: «O coração da mata, dos rios, dos igarapés e dos igapós morrendo», sobre o desmatamento. «Chãos de Maíconã» também «menção honrosa» do Concurso Walmap (SAMUEL, 2008. In: literaturarogelsamuel).

Não é apenas boa vontade que se faz suficiente para extrair de um mundo tão enigmático subsídios para uma boa literatura. A vida do caboclo amazonense diante da imensidão da selva amazônica é vasto terreno para a criação de ricas

Figura 1 – Meio de comercio na região Amazonas - Regatão



Fonte: [Google.com.br](https://www.google.com.br/)/2021

MARCO METODOLÓGICO

Amazonas é um estado brasileiro localizado na Região Norte, possui área territorial de 3.869.638 km², que abrange 62 municípios, a população do estado totaliza 3.483.985 habitantes. A capital do estado é Manaus que possui uma população de 1.802.014 habitantes; as pessoas que vivem no estado são chamadas de amazonense.

A região Norte do Brasil é uma das cinco regiões brasileiras segundo a divisão elaborada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010). Sua principal característica é o fato de ser a maior região do país em área territorial, com abrangendo também os dois maiores estados do Brasil, respectivamente, Amazonas e Pará. Além desses, a região conta com mais cinco estados: Acre, Amapá, Rondônia, Roraima e Tocantins.

Apesar de ser a maior região, o Norte brasileiro também possui uma das menores populações absolutas e, conseqüentemente, as menores densidades demográficas. Observa-se, em muitos casos, a evidência de alguns “vazios demográficos”, em que a quantidade de habitantes por área é muito reduzida ou praticamente nula.

A região Norte do Brasil é quase que totalmente recoberta pelo domínio da Floresta Amazônica, que também se encontra em alguns outros países que fazem fronteira com a região, além do norte do estado do Mato Grosso. Trata-se da principal área de preservação natural do país, haja vista a importância ambiental dessa floresta para o clima e o ecossistema, o que ajuda a explicar a baixa densidade demográfica local. Enfoque da Investigação.

A investigação se classificará como qualitativo, pois envolverá dados percentuais para justificar a pesquisa. O enfoque qualitativo “considera a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados” (SALVA, 2009); também tem como caráter uma abordagem qualitativa, segundo Marconi e Lakatos (2008), uma metodologia que se preocupa com a análise e interpretação de aspectos mais complexos.

MUNICÍPIO DE MARÃ DA PESQUISA

A referida pesquisa foi realizada no Brasil, estado do Amazonas, Região Norte do país no município de Maraã localizado ao noroeste da capital do Estado, com a distancia de 615km. O município de Maraã está localizada as margens esquerda do Rio Japurá, com um território de aproximadamente 168 30827 km (Quilômetros quadrado) sua população de acordo com o último IBGE é de 18.186 habitantes. O referido Município foi criado pela lei nº 96 de 19 de Dezembro de 1955, sua principal atividade econômica se baseia na agricultura e pesca de manejo.

Figura 1 – Mapa Físico do Município de Maraã



Fonte: IBGE.gov.br/acessado em 2021

Com relação à educação do Município é pertinente ressaltar que caminha paulatinamente, pois de acordo com os dados da secretaria de educação (SEMED) desde 2008 quando o município alcançou a média estipulada nas avaliações externas, por meio da prove Brasil realizada com os alunos do 5º Ano, desde então a Educação vem regredindo cada vez mais.

Escola onde foi a pesquisa

O estudo foi realizado na Escola Estadual Benta Solart no município de Maraã-Amazonas. A referida escola localizada na avenida central do município é uma das primeiras instituições de ensino na cidade. Até 2018, atendia o público de estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio regular e através do Ensino Mediado por Tecnologia com turmas em várias comunidades rurais pertencentes ao município.

A partir de 2019, a referida escola passou a atender apenas estudantes do ensino médio regular, ensino médio na modalidade EJA e ainda continua atendendo o Ensino Mediado por Tecnologia oportunizando aos alunos das comunidades rurais, o curso à nível médio. Esse atendimento específico passou a acontecer após a construção de outra escola da rede, contabilizando três instituições de ensino estaduais no município onde, dividiu-se o público de estudantes atendidos pelas escolas, especificamente em Fundamental I, compreendendo os alunos do 1º ao 5º ano, Fundamental II (6º ao 9º ano) e, Ensino Médio (atendidos pela Escola Benta Solart).

Figura 2 – Escola Estadual Benta Solart



Fonte: Acervo do autor (2021)

O período para realização deste estudo, à princípio, estava previsto para os meses de abril a novembro de 2020, porém, com a crise de saúde mundial provocada pelo novo corona vírus (covid-19), o período deste estudo ficou comprometido, houve alteração de datas, inclusive para o trabalho de campo na coleta de dados, uma vez que ficamos isolados e, por um longo período, fecharam-se as portas de todas as escolas, pois vivia-se um momento inédito na história do país.

Posteriormente, realizou-se a coleta de dados nos meses de março e novembro de 2020 quando já havia, na rede estadual de ensino, uma organização mais estruturada para acompanhamento e atendimento aos estudantes de modo que pudéssemos coletar os dados através do questionário e entrevista, tanto para alunos quanto para professores e pedagoga.

Enfoque de investigação

O desenho da investigação tem a finalidade mostrar o método de investigação e o enfoque misto ou quantiquantitativo na pesquisa social com ênfase nos diferentes desenhos possibilitados por este modo de investigação e na técnica de triangulação, que o caracteriza.

Nesse viés, a pesquisa contemplou o enfoque misto. Segundo Alvarenga, (2012, p. 75) o enfoque misto possibilita ao pesquisador adotar mais de uma técnica de coleta de dados.

Deste modo, a metodologia das pesquisas científicas pode ser classificada e definida conforme sua abordagem, finalidade e procedimentos técnicos empregados (GIL, 2010) *apud* (VERGARA, 2006).

Para Ludke e André, (1996, p. 26) a pesquisa qualitativa acontece no ambiente natural onde o pesquisador entra em contato direto e constante com o contexto a ser investigado, interagindo com o público, a fim de se obter uma resposta sobre a problemática em estudo. Tal abordagem permite ao pesquisador interagir com o público sem comprometer a qualidade da pesquisa.

Para Sampieri, (2013, P.140) “o processo de pesquisa quantitativa conhecer os tipos de desenho de pesquisa qualitativo e relacioná-los como os alcances do estudo”. Sampieri, destaca que esse tipo de pesquisa se faz necessário no momento que a investigação busca informações a respeito do problema.

DISCUSSÕES E ANÁLISES DOS RESULTADOS

Perfil dos participantes da pesquisa

Perfil dos alunos da 1ª série do Ensino Médio da Escola Estadual Benta Solart.

Para ter-se o conhecimento diferenciado optou-se por fazer uma escolha aleatória dos alunos. Para analisar o perfil destes participantes da pesquisa, foram selecionados critérios importantes como: idade, gênero, os que possuem acesso ao aparelho celular, acesso à internet e o interesse pelo uso de aplicativos nas aulas. Por acreditar que estas informações seriam importantes para enriquecer o trabalho referente ao tema da pesquisa “Releitura do Cenário Literário do Amazonas na Aurea da Borracha, com os Alunos do Ensino Médio da Escola Estadual Benta Solart no Município de Maraã, Brasil 2020/2021, com os alunos 1ª série do Ensino Médio da”, optou-se pela seleção de tais variáveis para a busca por respostas aos questionamentos aqui expressados.

As tabelas a seguir, demonstram tais informações adquiridas durante a pesquisa de campo realizada na Escola Estadual Benta Solart.

Tabela 1 - Idade dos alunos que participaram da pesquisa de campo

Idade dos alunos da 1ª série do Ensino Médio			
Perfil dos Alunos	16 anos	17 anos	18 anos
	4	15	3

Fonte: Pesquisa de campo realizada com os alunos da Escola Estadual Benta Solart, abril 2021, Maraã-Am, Brasil.

Percebe-se que os alunos da 1ª série do ensino médio da Escola Benta Solart pertencem à faixa etária entre 16 e 18 anos, a maioria tem 17 anos e o número de alunos com 18 anos é bem menor, isso mostra que mais da metade dos alunos participantes estão de acordo com nível escolar adequado, porém, ainda ocorre a distorção idade/série na escola.

Tabela 2 – Gênero dos alunos que participaram da pesquisa de campo

Gênero dos alunos que participaram da pesquisa		
Perfil dos Alunos	Masculino	Feminino
	12	10

Fonte: Pesquisa de campo realizada com os alunos da Escola Estadual Benta Solart, abril de 2021, Maraã-Am, Brasil.

Observar-se que há mais alunos do sexo masculino do que feminino. Podemos observar que há pouca diferença entre homens e mulheres demonstrando um equilíbrio de gênero. Sendo assim, o sexo masculino tem maior participação para nesta pesquisa.

Perfil dos alunos da pesquisa: dos 22 alunos, apenas 4 não possuíam. Segundo os 4 alunos, todos do sexo masculino, 1 informou que o celular estava com problema: 2 informaram que realmente não tinham e, um outro aluno, informou que tinha perdido. De modo geral, observa-se que a maioria dos alunos têm acesso a um aparelho celular próprio. Isso indica que o uso do aparelho celular é predominante em sala de aula pelos estudantes.

Perfil dos alunos que tem acesso a biblioteca local e virtual: os 22 estudantes res-

ponderam que sim, todos acessam a internet pelo celular entral ao portal vitural da biblioteca virtual. Todos informaram que utilizam a internet através da compra de pacotes pela operadora “Claro móvel”, pois não possuem internet em casa. Isso constata que, de acordo com o perfil socioeconômico do estudante, em algum momento ficaram ou ficarão sem acesso a internet devido a imprevistos financeiros, mas tem a biblioteca da escola que ficar a disposição de todos os alunos e professores.

Perfil dos alunos que tem interesse as literaturas Amazonenses e autores: Conforme respostas ao questionário através de perguntas abertas sobre o interesse pelos aplicativos nas aulas e o porquê, observou-se que, dos 22 alunos, apenas 1 respondeu que tem preferência pelas aulas através do uso do Datas how (projektor multimídia), pois afirmou que “prefere assistir com a imagem maior do que no celular” o mesmo aluno complementou sua resposta afirmando “Porque os professores só querem saber de escrever. Eles têm que dar aula diferente”.

Os 21 alunos foram unânimes em responder que sim, têm interesse a literatura Amazonenses e os autores da academia de letra, e gostariam que os professores dessem aulas mais interessantes, “a aula ficaria mais legal”, registrou um deles. Outro, registrou que “É melhor do que ficar dando aula só explicando no quadro”

Conforme as respostas obtidas, constatou-se através dos questionários abertos que, a maioria dos alunos que participaram da pesquisa, tendo como base os indicadores acima são estudantes que gostam de leitura:

Produção escrita sobre o poema “a lição do rio”, de Thiago de Mello

Texto I – Interpretação

Textual II

Aluno do 1º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Benta Solart

A lição
Podemos entender que o título apontado no poema a lição de um rio traz uma lição de cumprir e cumprir podemos dizer sobre o poema um ensinamento de varios aspectos relacionado ao poema e mesmo assim diferenciado por muitas coisas relacionadas ao poema que traz uma mensagem linda, uma comparação sobre o elemento que é água e uma atitude e varias outras coisas porque uma atitude de uma pessoa e aquilo que se compara de varios coisas que se comparam mas ela como se sempre uma lição, a vantagem de um rio e o homem e que o rio não se compara sobre a vantagem de um homem porque diferente de um rio e um lago onde não cresce e varia de as coisas. O assunto que aborda no poema e uma lição de rio que nos ensina a humanidade e assunto importante sobre o poema de modo geral o poema tem a ver com nossa natureza e com a natureza de nossa cidade. com nossas atitudes e com nossas existências de fato os seres humanos aprendem com esse tipo relacionado ao poema.

Produção Textual 1: A lição.

Poema: A lição do rio
Que entende que esse poema fala coisas bonitas e de muitas coisas que podemos ler para toda a nossa vida, esse poema e derivado de um rio.
É feito uma comparação entre uma pessoa e um rio, porque os rios acontecem isso com as pessoas, isso vantagem e que o rio tem água e o homem não tem.
Que temo que falado no poema e que o rio crescer como o homem crescer poderíamos dizer sim que esse poema fala sobre a realidade dos seres humanos

Produção Textual 2: A lição do rio.

Por fim, a Literatura no Amazonas apresenta inúmeras fases, as quais sempre estão décadas atrasadas aos movimentos e estilos em voga de cada época, pode-se dizer que a literatura local está sempre alguns passos atrás do que se produz no momento. As personagens individuais se destacam, mas não há uma corrente definida na região, não há um denominador

comum entre os que produzem e fazem literatura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura, sem dúvida, é o ponto de partida para que o aluno se torne um cidadão mais reflexivo, com ideias coerentes e atitudes mais acertadas que o ajudarão na transformação do meio em que vive. Nesse sentido, o professor desempenha um papel fundamental, o de mediador da leitura. E a leitura a que nos referimos aqui, não é uma leitura qualquer, mas a leitura de literatura. ¿Por que é importante ler literatura? Por que a literatura não serve para nada e, ao mesmo tempo para tudo. Não serve para nada que traga lucros em termos materiais, mas serve para que o leitor amplie o seu modo de ver com uma visão mais crítica o mundo que o cerca.

A literatura tem o poder de transformar o ser humano. Essa é a reflexão feita por Britto. E Antônio Cândido complementa, dizendo que a literatura humaniza, e que ela é uma necessidade. E nós, precisamos urgentemente de uma sociedade mais humanizada. Baseado no princípio de que a literatura é indispensável na vida do ser humano, trabalhar a literatura de expressão amazônica, e dentro dessa literatura, o gênero poema, voltado para os poetas dessa região: Thiago de Mello, foi uma experiência incomparável, assim como a produção oral e escrita dos alunos a partir da leitura de poemas desses poetas. Dessa forma, os alunos desenvolveram, não apenas a oralidade e a escrita, mas passaram a conhecer poetas da região Amazônica que, até o momento, eram desconhecidos por esses alunos.

Para classificar pode se identificar os comprometes educacional que amparam a releitura do cenário Literário do Amazonas na Áurea da Borracha através da contextualização do cenário amazonense, deste a colonização dos povos que vive neste território. No entanto, a linguagem empregada nos textos a cima, não se aplica a todos morador da região, porque além da língua ser um sistema de símbolos convencional oral pelo meio do qual os seres humanos comunicam-se e expressam pensamentos, emoções em um determinado idioma, ainda sim tem suas distinções, ou seja, variação linguística que são diferentes modos de falar uma língua – que estão relacionadas a segundo a classe social, grau de escolarização, idade do falante, região em que vive e aos usos específicos que ele faz da língua dependendo do contexto.

No segundo objetivo foi a busca explicitar como os fatores influencia na releitura do cenário Literário do Amazonas na Áurea da Borracha.

Para concluimos explicitar os procedimentos que levam a **releitura do cenário Literário do Amazonas na Áurea da Borracha**, buscou-se explicitar a aceitação a relação a Literatura Amazonense, o conhecimento prévio que os mesmos já tinham acerca das obras do cenários econômico. Além disso, os discentes foram instigados a conhecer mais a respeito das obras do poeta e suas contribuições com a cultura local. Porém, nas obras analisadas e textos empregasse estes dois conceitos de fala e comportamento, pois percebe-se que o contexto em que o eu lírico vive é o mesmo do contexto discursivo local, ou seja, o autor utilizasse de uma linguagem característica do povo local. Mais precisamente do povo ribeirinho, o típico caboclo da Amazônia, com pouco estudo e muita vivencia da exploração dos recursos que a natureza oferece.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. Aliteratura brasileira: O Pré-Modernismo. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1967. Vol. V.
- BRITO, Clovis Carvalho; SANTOS, Robson dos. Percorrendo veredas: Literatura brasileira e sociedade. In: BRITO, C. C.; SANTOS, R. (Org.). Escrita e Sociedade: estudos de sociologia da literatura. Goiânia; Ed. Da UCG, 2008.
- BURKE, Peter. A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.
- CADORE, Luís Agostinho. Curso Prático de Português^{2º} Grau: Literatura, Gramática, Redação. São Paulo: Editora Ática, 1994.
- CADORE, Luís Agostinho. Curso Prático de Português^{2º} Grau: Literatura, Gramática, Redação. São Paulo: Editora Ática, 1994.
- CANDIDO, Antonio. Literatura e sociedade. 13. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2014.
- CANDIDO, Antonio. Literatura e Sociedade. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CARDOSO, Joel. Cinema e Literatura: contrapontos intersemióticos. Revista Literatura em Debate, v. 5, n.8, p. 1 a 15, jan. -Jul. 2011.
- CARVALHAL, Tania Franco. Literatura comparada. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006;1986.
- CARVALHAL, Tânia Franco. Literatura Comparada. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2006.
- CASTRO, Aristófares. Um Punhado de Vidas—Romance do soldado da borracha. 2ª edição revista. Manaus: Ed. Valer/ OAB-Amazonas: Caixa de Assistência dos Advogados, 2001.
- CEARENSE, Catulo da Paixão. —Terra Caídall. In: _____. Meu Sertão. 15. ed. Rio de Janeiro: A Casa do LivroLtda, 19--. (Material em versão digitalizada –University of Toronto Library).
- COELHO, Nelly Novaes. Literatura Infantil: teoria, análise, didática. 7ª Ed. Ver. São Paulo: Moderna, 2009.
- COMPAGNON, Antoine. O demônio da teoria: literatura e senso comum. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- COUTINHO, Afrânio. Introdução à literatura no Brasil. 17. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001
- COUTINHO, Eduardo F. Fronteiras imaginadas: cultura nacional/teoria internacional. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.
- COUTINHO, Eduardo F.; CARVALHAL, Tania Franco (orgs.). Literatura comparada, Textos fundadores. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- COUTINHO, F. E. & CARVALHAL, T. F. (orgs.). Literatura comparada: Textos Fundadores. Rio de Janeiro, Rocco, 1994ª, pp. 108-119.
- CUNHA, Euclides da. Amazônia: Um paraíso perdido. 2ª ed. Manaus: Editora Valer, 2013.

- CUNHA, Euclides da. *Amazônia: Um paraíso perdido*. 2ª ed. Manaus: Editora Valer, 2013.
- DAOU, Ana Maria. *A Belle Époque amazônica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- DIAS, Edinea Mascarenhas. *A Ilusão do Fausto: Manaus, 1890-1920*. Manaus: Editora Valer, 1999.
- FERREIRA, Antonio Celso. *A fonte fecunda*. In: LUCA, Tânia Regina de; PINSKY, Carla Bassanezi. (Orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. Tradução: Ligia M. Pondé Vassallo. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.
- GUEDELHA, Carlos Magalhães. *A Metaforização da Amazônia em textos de Euclides da Cunha*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis - SC, 21 de junho de 2013a, p. 234 – 251.
- JACOB, Paulo. *Chãos de Maíconã*. 2 eds. Rio de Janeiro: Nórdica, 1974.
- LIMA, Claudio de Araújo. *Coronel de Barranco*. Manaus: Editora Valer, 2002.
- LIMA, Claudio de Araújo. *Coronel de Barranco*. Manaus: Editora Valer, 2002.
- LIMA, Lucilene Gomes. *Ficções do ciclo da borracha: A Selva, Beiradão e o Amantes das Amazonas*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura amazônica: uma poética do imaginário*. Belém: Cejup, 1995.
- MELLO e SOUZA, Antonio Candido. *Literatura e cultura de 1900 a 1945*. In: *Literatura e Sociedade*. 5. Ed. Editora Nacional, 1976.
- MENDONÇA, R. *Memórias amazonenses (2012)*. In: SOUZA, Jamescley Almeida de. *Paulo Jacob: uma fortuna crítica*. Disponível em: <http://oguari.blogspot.com/p/>. *Paulo Jacob- uma- fortuna-critica.html*. Acesso em: 07.06.2020.
- MOISÉS, Leyla Perrone. *Texto, Crítica, Escritura*. São Paulo: Ática, 1978.
- MONTEIRO, Mário Ypiranga. *Fatos da literatura amazonense*. Manaus: Universidade do Amazonas, 1976.
- MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. 5. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2008.
- NITRINI, Sandra. *Literatura comparada: História, Teoria e Crítica*. 3 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.
- NITRINI, Sandra. *Literatura comparada: história, teoria e crítica*. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015; 2000.
- PESAVENTO, Sandra Jatáhy. *História & História Cultural*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- PINTO, Renan Freitas (Org.). *Vozes da Amazônia: investigação sobre o pensamento social brasileiro*. Manaus: UFAM, 2007.

- PINTO, Renan Freitas. Djalma Batista: artigos de jornal. In: BASTOS, Elide Rugai;
- PONTES, Eunice (org.). A Metáfora. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.
- PRADO JR., Caio. Formação do Brasil contemporâneo. 17 ed. São Paulo: Brasiliense,
- RANGEL, Alberto. Inferno Verde. Manaus: Valer, 2008.
- SAMOYAUULT, Tiphaine. Intertextualidade. Trad. Sandra Nitri. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.
- SAMUEL, Rogel. Paulo Jacob. Disponível em: <http://literaturarogelsamuel.blogspot.com. Br/ 2008/04/paulo-jacob.html>. Acesso em: 12.05.2020.
- SARMENTO. Rosemari. A Narrativa na Literatura e no Cinema. Revista Verbo de Minas, Juiz de Fora, v. 8, n. 15, jan./jun. 2009.
- SCHNEIDER, Sergio; SCHIMITT, Cláudia Job. O uso do método comparativo nas Ciências Sociais. Cadernos de Sociologia, Porto Alegre, v. 9, p. 49-87, 1998.
- SOUZA, Márcio. A expressão amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo. São Paulo: Alfa-Omega, 1977.
- SOUZA, Márcio. A expressão amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo. São Paulo: Alfa-Omega, 1977.
- SOUZA, Márcio. A primeira versão de A selva no cinema. In: Actas do Congresso Internacional 75 anos de A selva. Ossela, Portugal: Centro de Estudos Ferreira de Castro, 2007. Disponível em 03/10/2020
- SOUZA, Márcio. Breve História da Amazônia. São Paulo: Marco Zero, 1994.
- SOUZA, Márcio. Breve História da Amazônia. São Paulo: Marco Zero, 1993.
- SOUZA, Márcio. Breve História da Amazônia. São Paulo: Marco Zero, 1994.
- SOUZA, Roberto Acízelo Quelha de. História da literatura: trajetória, fundamentos, Problemas. São Paulo: É Realizações, 2014.
- STAM, Robert. A Literatura através do cinema: realismo, magia e arte da adaptação. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- STAM, Robert. Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade. Florianópolis: Revista Ilha do Desterro, UFSC, nº 51, julho-dezembro de 2006.
- WELLEK, René. Conceitos de crítica. Trad. Oscar Mendes. São Paulo: Cultrix, 1963.